Por trás da expressão

Arquivo Pessoal



Mesmo diante de tantas conquistas, a esfera doméstica ainda permanece como um espaço historicamente — e exclusivamente — reservado às mulheres. A cientista social Lella Malta explica que há um trabalho invisibilizado nas tarefas do lar, que não somente não é remunerado, como sequer tem status de trabalho. "Estamos exaustas desse acúmulo de papéis sociais que são esperados que as mulheres cumpram", destaca.

A maternidade compulsória é fruto dessa lógica. É a crença de que mulheres só serão plenas quando marcarem o *check* na função mãe — dentre as outras tantas tarefas da lista da feminilidade. E isso quase que no automático, mesmo que não sintam vontade de procriar. "Se, sem filhos, a mulher não é amada nem realizada, então, perde a autonomia no controle da própria função reprodutiva", ressalta a cientista.

É preciso coragem para que mulheres como Alessandra Cabral rompam e questionem a maternidade como suposto propósito feminino. E, mesmo as que desejam ser mães ou já consideraram a possibilidade, podem ampliar o debate para que todas tenham voz. Num movimento coletivo, para Lella, é importante que todas as mulheres se coloquem a favor da escolha.

Prioridades

De uma forma diferente de Alessandra, Juliana Vieira optou por não ter filhos, apesar do desejo pela maternidade desde a infância: "Eu tinha esse objetivo e acreditava que minha vida seria bem resolvida aos 25 anos, que, com essa idade, eu teria estabilidade emocional, financeira e filhos", conta. Hoje, aos 28, vê a vida de uma forma mais realista, mas sem deixar de sonhar.

A brasileira estuda medicina em Buenos Aires, Argentina, e está em um relacionamento sério. A decisão de não ter filhos veio antes da relação. A namorada até pensava em ter filhos, mas, no momento, as duas compartilham o mesmo pensamento sobre o tema. Embora a maternidade não esteja nos planos delas, o carinho pelas crianças continua. Aliás, não ter filhos não é sinônimo de detestá-las! Juliana tem três primas pequenas e um afilhado, além de outras crianças na família.

No momento, a convivência está dificultada, por atualmente morar em outro país. Mas Juliana esteve presente principalmente na primeira infância delas e guarda com carinho os momentos que viveu com os parentes. Mesmo com as primas, sempre esteve em uma posição muito similar a de tia, porque foi uma rede de apoio para as mães, ajudando quando necessário e levando os pequenos para passeios.

"Meu papel era de coadjuvante, porque eu ficava um certo horário com as crianças e, às vezes, até passava o final de semana, mas chegava o momento em que eu os devolvia para as mães, então, era como ter e não ter uma responsabilidade", relembra Juliana. Essa relação natural que desenvolveu pelos entes queridos, além de aliviar a rotina das mães, cria laços insubstituíveis que a colocam na posição de tia divertida da família.

Apesar de contar com alegria e orgulho as histórias e do carinho que nutre pelas crianças, ela conta que o processo até tomar a decisão de não ser mãe não foi fácil. Uma das razões para a escolha é a responsabilidade e as necessidades de criar um filho, que não se encaixavam na realidade que ela vive no momento, além do contexto global e as dificuldades de educar outro ser humano. "Apesar de ser um processo que levou anos, hoje, sou feliz com essa decisão de não querer ter filhos, não mexe comigo, eu encaro como algo bem natural", afirma.